



## Um caso grave

Os hospitais atravessam há muito tempo uma situação desesperada. Os seus recursos financeiros não lhe permitem uma existência desafiada. Há falta de instalações apropriadas, há falta de material cirúrgico e falta pessoal para atender as exigências do já grande movimento hospitalar.

Numa série de artigos demos ao leitor uma páida ideia da situação dos hospitais de Lisboa e do Algarve.

Nos da capital notam-se bastantes deficiências que só poderiam remover-se criando-se uma receita maior do que a que lhe é destinada. Confessemos que com os actuais recursos não é possível fazer-se melhor. Enquanto esses recursos não forem aumentados com novas receitas os hospitais de Lisboa serão o que os nossos leitores já conhecem.

Com os hospitais da província o caso é mais grave. Vivendo apenas de um pequeno subsídio e de algumas dívidas, esses hospitais não podem realizar um trabalho proveitoso. Os enfermos que ali recolhem na esperança de se curarem, saem convencidos de que não é possível fazer-se qualquer cura.

Conhecemos alguns que não reúnem as mais elementares condições de estabelecimentos de cura. Material cirúrgico e pessoal de enfermagem são coisas quase ignorados nesses hospitais.

Uma fratura de crânio, hoje tão vulgar nos hospitais da capital, não pode ser tratado ali porque lhe faltam condições para o fazer. Toda-médicos, e dos mais distintos, não faltam e tão distintos elas são que quando veem para Lisboa se celebrizam.

Para se acabar com esta situação era mister que o Estado dotasse esses estabelecimentos dos meios necessários para viver.

Mas é que se dá exactamente o contrário. A complicada engrenagem burocrática que nos asfixia torna ainda mais difícil a existência dos hospitais.

As instituições de beneficência e neste caso estão compreendidos os hospitais - recebem subsídios do Instituto de Seguros Sociais Obrigatorios, para a sua manutenção, por intermédio de comissões conciliares. Como estas comissões não reúnem, os subsídios nunca podem ser entregue aos hospitais!

Se a sua situação era crítica recebendo o subsídio do Instituto de Seguros Sociais em dia, com a falta da sua distribuição ela tornou-se desesperada.

As suas receitas são exigues e a sua despesa é elevada.

O caso é grave, muito grave mesmo! As consequências da negligência dessas comissões vai ser paga pelo povo.

Em virtude deste e doutros casos iguais tinhamos nós razão quando defendemos para os hospitais uma ampla autonomia.

## O mundo burguês

### Calles não se cala a confusões

MEXICO, 8. - O presidente Calles desmente categoricamente as acusações formuladas contra o seu governo, caracterizando-o de bolchevista, afirmando que tão densas aleviões são espalhadas pela propaganda norte-americana, que deseja desacreditar o México perante o mundo civilizado. - L.

### A «franquia» do Poincaré na questão do franco

PARIS, 8. - O sr. Poincaré declarou ontem, durante o debate sobre as leis de finanças, ser absolutamente partidário da estabilização de facto, antes da estabilização legal. O chefe do governo acrescentou que a França, tendo organizado a amortização, assegurado o equilíbrio orçamental e detido a alta das preços, resta-lhe apenas fazer a restauração monetária e conjurar o perigo económico, intensificando a produção metropolitana e colonial, para a qual o governo apresentaria em janeiro próximo o respectivo programa. - L.

### Uma cidade que progride

BERLIM, 8. - O município contraiu um empréstimo de 20 milhões de dólares, para melhoramentos eléctricos na cidade. - L.

### A VENDA a 10.º SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO Povo

Interessante romance histórico, profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no pôrno se publica

## Confederação Geral do Trabalho

### Comité Confederal

O Comité Confederal, ao tomar posse dos cargos para que foi nomeado em sessão do conselho confederal de 26 do p. p., sauda afectuosamente o operariado do país, assim como os trabalhadores de todo o mundo.

O Comité Confederal, integrado nos princípios do sindicalismo revolucionário, e portanto anti-collaboracionista, que norteiam a Central Operária e que lhe foram demarcados especialmente, nos congressos da Covilhã e Santarém, coerente com estes princípios e atendendo à necessidade que existe de promover uma maior união das classes trabalhadoras, fará quanto possa para dar ao movimento operário aquela coesão que lhe é tão indispensável, dentro desses mesmos princípios.

Alheio às pugnas que no seio da C. G. T. se desenvolveram, sem compromissos de partido ou grupos, o Comité Confederal sente-se à vontade para efectuar essa obra.

Sem receio de qualquer crítica, antes julgando-a indispensável, o Comité Confederal apenas deseja que ela seja feita com lealdade e tendo em mira, sempre, os altos interesses da organização operária, e não apenas com o espírito derrotista e pessoal que, infelizmente, de há tempos se vem verificando, com grave prejuízo e desagregação das forças trabalhadoras.

Tais são os votos e desejos do Comité Confederal que agora tomar posse, e dentro dos quais desenvolverá a sua acção.

### O Comité Confederal

## ESCLARECENDO DOUTRINA

## O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Mas, que quer o anarquismo?

Exactamente o tal «espírito livre», «aberto», etc., sem «tufo», o que é a aspiração ampla do libertarismo! Isto é: queremos a mesma causa, nós, anarquistas e os tais sindicalistas que dão machadas com gana no princípio da Autoridade que connosco.

Porém, admitindo que o libertarismo seja doutrina ou aspiração mais ampla que o anarquismo, como ambas doutrinas têm aqueles essenciais pontos de contacto, temos de concluir que, se os anarquistas podem, na opinião dos referidos sindicalistas, não ser libertários, todo o libertário é forçosamente anarquista, visto o anarquismo caber, por este critério, dentro do libertarismo. O continente, sendo maior que o conteúdo, abrange. Logo, o sindicalismo é anarquista.

Ajuntam elas: «não são apenas os anarquistas que andam em busca da liberdade. Os sindicalistas andam também.»

Pois, certamente, nem eu disse o contrário: por isso o sindicalismo revolucionário é o mais amplio em aspirações, tem de ser, é, libertário; portanto, anarquista.

Alega-se que pretendem confundir sindicalismo com anarquismo.

Não pretendem tal! nem sei que escrevesse que deixasse tal convicção no espírito do leitor. Eu constatei apenas o facto de que o sindicalismo revolucionário (não é querer sindicalismo) é ingénitamente anarquista pelas razões já expostas.

Acordando a minha convicção de que não é factível a «união» perante as diversas tendências da organização, alegam ainda, como argumento em contrário, que essa «união» é factível porque já foi um facto depois do Congresso de Tomar.

Sobre este congresso muito haveria a dizer, mas cingindo-me, apenas, à questão da «união», pregunto:

Se a «união» foi um facto depois do Congresso de Tomar, e, portanto, «correspondeu a uma necessidade imprescindível, proveniente da contextual da organização, dum fatalidade da evolução sociológica» é indispensável como as folhas o são à planta - é por que razão se estabeleceu da C. G. T. com o carácter libertário que define o sindicalismo dela? é por que motivo essa tão «viável unidade» teve a vida das rosas e a característica libertária predominou e se tem mantido até hoje? é porque é a desunião que perdurou antes e depois de 1914? é porque vingam os princípios filosóficos e construtivos da tese «Organização Social Sindicista» aprovada nos Congressos da Covilhã e Santarém, e, isto, a despeito de tantas e tantas vicissitudes que por que passou?

Porque, evidentemente, essa pretendida unidade era um produto artificial e se manifestou num equilíbrio instável; o qual, ao mais pequeno abalo, se rompeu. Nessa unidade tão estranha, andavam-se todos enganando; ela não era realmente sentida; e não era sentida porque não correspondia às necessidades reais da evolução sociológica. E bastou a revolução russa para que os campos se extremasse e o engano de almas teo e cego não durasse muito.

Essa aspiração era utópica e continua sendo-o não passa de desejo sem praticidade duradoura.

Para admirar é que aqueles, que tanto falam de realidades práticas, de realidades da vida e que tanto apóiam os anarquistas por serem tão idealistas, estesjam obscuras por uma ideia irrealizável na prática como os factos de tantos anos têm demonstrado...

Para uma conquista imediata pode-se, num determinado momento psicológico na vida dum país, estabelecer uma unidade de tendências diversas. A história o mostra.

Mas unido não é unidade...

A prova de que não estavam todos bem dentro da tal unidade, é que muitos se afastaram da organização.

E sorriem os críticos ironicamente do idealismo anarquista, sem se lembrarem de que, se o sindicalismo existe, a esse idealismo se deve; sem se recordarem de que tantas das realidades práticas, de que os irônicos se orgulham, como se autores das fôssem, aos idealistas, aos utópicos (?) anarquistas de todos os tempos foram devidas. A ideologia anarquista impregna com vários dos seus princípios, as tendências que marcham na vanguarda.

Argumentam ainda os críticos preguntando:

«Se a unidade é um facto no sindicato; porque a não poderá ser nos agrupamentos de sindicatos?»

Ao que me cumpre responder:

Admitindo que essa unidade seja um facto (que não é nem pode ser) no sindicato, ela só loja também no agrupamento; mas onde existe a unidade? Se ela é um facto é porque há dissidentes que se afastam? Se a causa é viável é por que motivo se não realiza? ou: se se realiza é porque tem uma vida efémera?

E ainda a noção errada do que seja «união» que leva os críticos a argumentarem de maneira por que argumentam; e assim penso, porque acredito e parto do princípio de que eles são sinceros.

A meu ver, no sindicato não há ou não pode haver mais do que união; por consequência, só a união é realizable, ali, e, por extensão, nas federações e confederações sindicais.

Mas a união, assim como se efectiva para determinado objectivo, assim se desfaz desde que este seja atingido.

Aconteceu, porém, que mesmo antes de ser atingido o alvo em mira, a desunião se manifesta as vezes. E' quando se dá o choque entre as ideologias professadas. Assim aconteceu com os sindicatos autoritários, que saíram da C. G. T. Nem podia deixar de assim acontecer; a C. G. T. tem, na sua bandeira, a máxima Liberdade e os sindicatos dissidentes são pela Autoridade. Como conciliar estes dois princípios, se elas são irreduíveis um pelo outro?

É estas considerações vêm a falso de fôssem a propósito da contestação que certos sindicalistas fazem à minha afirmativa de que o sindicalismo dela? é por que motivo essa tão «viável unidade» teve a vida das rosas e a característica libertária predominou e se tem mantido até hoje?

Até temos que se desconfederaram da C. G. T. por motivos da direcção libertária. Querem maior evidência? Actualmente existem sindicatos de tendência libertária - os que estão aderentes à C. G. T.; e sindicatos de tendência autoritária - os que da Central saíram.

A roda do termo «união» andam caminhadas na ânsia de convencer as massas de que ela é, além de factível, indispensável para a vida da organização; sem reparem que, independentemente da suaquimérica perdação, a «união» enfraqueceria a mesma organização: pois que representa ou é sintoma de fraqueza. O que faz a fôrça é a «união»; toda a vida se disse isto.

A «união», afirma Hamon, muito judiciosa, baseia-se na Autoridade; ao passo que a «união» se caracteriza pela Liberdade. E o povo no seu instinto tão perspicaz pela liberdade, nunca clamou, nas suas reivindicações, pela «união», mas sempre pela «união».

Foi uma bela descoberta essa da propaganda pela «união» que os moscovitas e outros adeptos do autoritarismo estão fazendo para dividir a organização e excitar paixões. E bem sabem porque o fazem...

Pena é que camaradas, que temos tido de sinceros e leais e a quem sempre temos respeitado, se deixem enfeitiçar pelo canto das sereias e ajudem a fomentar a discordia que alastrá a massa trabalhadora, deturpando a doutrina.

Para admirar é que aqueles, que tanto falam de realidades práticas, de realidades da vida e que tanto apóiam os anarquistas e outros adeptos do autoritarismo estão fazendo para dividir a organização e excitar paixões. E bem sabem porque o fazem...

Pena é que camaradas, que temos tido de sinceros e leais e a quem sempre temos respeitado, se deixem enfeitiçar pelo canto das sereias e ajudem a fomentar a discordia que alastrá a massa trabalhadora, deturpando a doutrina.

A prova de que não estavam todos bem dentro da tal unidade, é que muitos se afastaram da organização.

José Carlos de SOUSA

## O MANICÓMIO MISTERIOSO

Afinal, há o propósito de apurar toda a verdade ou apenas o desejo de representar uma farça com as investigações?

Porque não se procede dentro da lógica - A «Casa de Saúde» do Campo Pequeno e o que disse o jornal «Última Hora» dela em 1921 - Uma descoberta do «Correio da Manhã» - O decreto de 11 de Maio de 1911 e a protecção a um delinquente - Um baile que vai no seu início

Entendamo-nos! Há ou não o propósito de investigar esse estranho caso do Manicómio Misterioso? Há ou não interesse em conhecer o que existe de verdadeiro nas nossas revelações a fim de proceder-se como é mister ou chamar-nos à responsabilidade como caluniadores? Se há esse propósito porque conseguiram as atenções dos investigadores para a casa do Arco do Cego, onde o sr. Frederico Vilhena improvisou o seu consultório, e para as pessoas que estiveram internadas na Casa de Saúde do Campo Pequeno que o «clisteropata» teve há anos?

Sim, porque, afinal, não percebemos a razão por que se procede de modo contrário ao que a lógica indica. Será para ilhar da responsabilidade o pupilo do «Correio da Manhã»? Se há esse interesse, então não vale estar a brincar com as investigações? Haja um pouco de pudor num caso tão grave!

Reproduzimos a conversa havida entre um nosso redactor - que na casa do Arco do Cego se apresentou como cliente - e o sr. Frederico Vilhena. Pela boca deste cavalheiro o leitor soube que na casa da rua Pereira Carrilho os doentes estavam em rigoroso isolamento - perdoem hoje o eu - e que lhes era aplicada uma extensiva terapêutica a fim de eles evacuarem bem...

E' verdade, é mentira? Acaso já se apurou este caso? Não! E não se apurou, como se pode, com justiça, refutar as nossas afirmações?

### As provas de nada valem!

Publicámos uma entrevista com D. Linda de Oliveira em que se assevera que durante três meses na casa daquela senhora esteve internada, em rigorosa incomunicabilidade, uma louca. O tratamento dado àquela doente também foi explicado. Acaso é nossa invenção o que disse D. Linda? Porque se desviam então as atenções para outro rumo? Decididamente ainda temos muito que nos rir!

De uma conversa com o esposo de uma doente que esteve meses incomunicável no prédio da rua Pereira Carrilho extraímos graves revelações que bastante comprometem o sr. Vilhena. Também fomos nós que as inventámos?

Com todas estas provas, quem é que pode afirmar que a nossa campanha não é fundamentada? E sendo assim porque se diz que na «Casa de Saúde do Campo Pequeno» se fizeram curas maravilhosas como o atestam algumas pessoas? Nós não nos

mostramos à casa do Arco do Cego a cura que fizeram reportagem sobre o «Manicómio Misterioso», disse, com aquele sorriso de ingênuo que tem a gente da rua de Barroca, que o sr. Frederico Vilhena Lagos apenas tivera internadas, na sua casa da rua Pereira Carrilho, duas senhoras loucas.

### A lei, afinal, é uma grande cantiga...

## TEATRO AVENIDA

Tel. N. 4305

Últimas récitas do «vaudeville»

**O Dr. da Mula Ruça**  
SEXTA FEIRA, 17  
**O PÉ DE SALSA**

## TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 da tarde — Soirée às 8,45

Estreia da encantadora bailarina  
**EUGÉNIA FERNANDEZ**  
Bailes clássicos, cómicos, de fantasia e  
«CHARLESTON».

Coloroso agradô do distinto artista  
**THOMAS VIEIRA**  
no seu repertório de canções, anedocas, etc.

FÉNOMENOS ESPECTACULOS DE:

**LES MAROCC**  
drama español, cómico  
**MARTY ET RIAN**  
Duetos franceses a grande voz

Concerto pela FOZ MELODY BAND  
No «écran»: — «O rápido da meia noite»  
(6 partes)

**Os operários despedidos das obras públicas  
em Loanda reclamam a sua readmissão**

LOANDA, novembro. — Os operários despedidos das obras do Estado entregaram ao secretário do interior da província de Angola a seguinte exposição:

«Após a chegada do Alto Comissário, o proletariado (quer europeu, quer nativo) teve uma esperança de melhores dias, para si e para os seus, e de que a sua situação fosse melhorada.

Mas, oh! pura ilusão! — se até aqui a nossa situação era deprimente para a própria colónia em que labutamos, para o futuro será cada vez pior, porque a miséria ameaça-nos cada vez mais, e não será de estranhar que, daqui a poucos dias, presenciemos o quadro vergonhoso de operários, especialmente europeus, estenderem publicamente a mão à caridade, em virtude de não terem onde ganhar um pouco de pão para mitigar a fome dos seus filhos, como aconteceu quando era Governador Geral o sr. Antero Tavares de Carvalho.

Segundo os jornais, o governo resolven dispensar uma grande parte, a quase totalidade dos seus operários, em virtude de as verbas se encontrarem exgotadas e de, ao mesmo tempo, a Província ter um «deficit» de 53 mil contos.

E para lastimar, e, ao mesmo tempo, notá-lo com bastante mágoa, que o governo não tire assim para a miséria um punhado de trabalhadores (europeus e nativos), quando nos não cabe a menor parcela de responsabilidade pelo estado a que chegou Angola, sem que, tampouco, nos acuse a consciência de sermos nós os causadores desta situação, a não ser por termos cumprido com os nossos deveres de trabalhadores honestos trabalhando sempre em prol do levantamento de Angola.

E agora, pregarmos nós, porque motivo há de ser sempre o proletariado o mais sacrificado? Será por não cumprir com os seus deveres? Cremos que não.

Em que situação ficamos nós, operários despedidos das obras do Estado?

Na indústria particular não há que fazer, ou, por outra, haveria muito que fazer porque a maior parte dos prédios de Loanda carecem de grandes reparações; porém, como os seus proprietários não podem executá-las em consequência da sua também

## Teatro da Trindade

TELEF. T. 976  
Companhia LUCILIA SIMÕES-ERICO  
BRAGA

HOJE — as 9 1/4 da noite — HOJE

Primeira representação da comédia em 4 actos de George Sand, trad. de Ramalho Ortigão.

## O Marquês de Villemer

A peça mais encantadora de todos os tempos.

Nos principais papéis LUCILIA SIMÕES, Amélia Pereira, Maria Sampayo, Irene Isidro, Erico Braga, Joaquim Almada e Samuel Diniz.

Scenários de Campos &amp; Oliveira e Luz &amp; Almeida.

BILHETES À VENDA

Venda de bilhetes sem locação — Fauteuils (toda a plateia) e balcões de 1.º, 800 ; de 2.º, 400 e 300; Camarotes, 4000, 3000 e 2000.

## TEATRO VARIEDADES

TODAS AS NOITES DUAS SESSÕES

as 20,30 e 22,30

COM A COMÉDIA PORTUGUESA

## O PINTO CALÇUDO

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado «El drama de un amor vulgar» de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 50.

Pedidos à administração de A Batalha.

## Teatro Maria Vitória

(PARQUE MAYER)  
TELEF. N. 3644

## Direção artística de ROSA MATEUS

HOJE: 2 sessões às 20,30 e 22,30

com a deslumbrante e espirituosa revista em 2 actos e 12 quadros

## TARIFA 1

## FÉRIOS SCENARIOS

## BRILHANTE E ARTÍSTICO CONJUNTO

— O mais alegre e brilhante espetáculo —

da actualidade

## PREÇOS POPULARES

## MUSICA

Um concerto de música da Scan-

dinávia

A obra de divulgação musical que Lisboa vem devendo a D. Ema Romero dos Santos Fonseca é daquela que não pode ser esquecida pelos que se interessam sinceramente pela arte. Tem uma persistência invulgar, com uma inteligência sólida, esta senhora a quem seus pais deram um ilimitado poder de organização que lhe tem permitido fazer tudo o que bem da arte musical pode e deve ser feito. D. Ema Fonseca tem conseguido levar a efeito recitais a todos os títulos notáveis, pelo alcance e pelo carácter. Não tardarão muito que Lisboa esteja de boas relações com as civilizações musicais, mais inacessíveis pela distância territorial e pela feição técnica-sentimental. Desta vez foram revelados alguns dos melhores músicos da Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia: Hortmann, Niels Gade, Heise, Lassen, Beechgaard, Lange Müller, Bendie, Sindbad, Príncipe Gustavo, Siörgen, Stenhammar, Holstian, Svendsen, Linding, Grieg, Gondahl, Sibelius, Merikanto, Jornefeel, Melartin e Palmgren.

Foi quase toda a história musical scandava, visto que se acentuaram modalidades, definiram caracteres, estabeleceram-se diferenças.

Não houve um único número que não fosse em primeira audição o que ainda valorizou mais o recital. D. Ema Romero dos Santos Fonseca canta com a opima escola que possue, devendo-se porém salientar a maneira elevada como interpretou e sentiu «Rubin Wald» de Halffdan. Os outros executantes desta linda festa de arte fôraram o sr. Jaime Monteiro e D. Elisa Penchy, que já de outras vezes, têm contribuído para o brilho destas festas e D. Berta Rosa Limpio de Araújo, que ao piano acompanhou seis dos seus melhores discípulos de canto, que constituiram um afilado côr de que foi solista D. Ema Fonseca cantando «Le chant de la nouvelle année», de Bendie, com um delicioso sentimento. O professor Júlio Silva acompanhou vários números ao piano, com a sua costumada proficiência.

## Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte, a crise dos sem trabalho. — *Especial*.

Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte, a crise dos sem trabalho. — *Especial*.

Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte, a crise dos sem trabalho. — *Especial*.

Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte, a crise dos sem trabalho. — *Especial*.

Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte, a crise dos sem trabalho. — *Especial*.

Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte, a crise dos sem trabalho. — *Especial*.

Nogueira de BRITO

## O pianista José van Rosenstok

O concerto de José Rosenstok foi uma afirmação das qualidades que o moço pianista revela e que de futuro mais evidenciará ainda, se não se deixar arrastar por uma aura que por ora não passa dum estímulo.

Tem muito que estudar e desde já preconizamos ao pianista uma tendência muito especial para interpretar J. S. Bach.

A suite inglesa deste autor teve um relêvo curioso e o pianista sentiu o grande músico alemão melhor do que qualquer outro.

A que atribuir? Talvez a influência da raça, da raça do norte. Bach é alemão, Rosenstok será holandês? Já em Liszt a execução foi menos aprimorada, a sonata em si mesma certa certa mas pouco interpretada, e de serem sustados os despedimentos em projeto.

Desta maneira, o governo praticaria um acto de justiça para com aqueles que, para seu bem estar e de suas famílias, só desejam trabalhar.

E' de facto precária a situação em que ficam os operários despedidos; a miséria os espera, por não terem meios de trabalho. Uma das soluções seria resolver rapidamente as formalidades com que estão emperrando e demorando, mas esferas oficiais competentes, o inicio da construção do Palácio do Comércio, que poderia atenuar, em grande parte,

## MARCO POSTAL

Rosso de Abrantes.—M. dos Santos.—Recebemos 30\$000. Assinatura paga até 31 do corrente. O restante para o auxílio será publicado no devido altura.

Ciboro.—Ass. dos Rurais.—Recebemos 30\$00. Pagou a assinatura desde 1 de Outubro, p. p. a 5 de Janeiro, p. f. Os "Mistérios do Povo" para Joaquim Bentos, vao novamente, visto que veio devolvida a 10.ª série.

Odeceix.—J. Ramires da Silva.—Recebemos 19\$00. Pagou a assinatura desde 16 de Agosto a 15 de Outubro, p. p. Segue um postal com o seu débito até ontem.

Coimbra.—José Maria dos Santos.—Recebemos 95\$00. Pagou a assinatura do corrente mês.

Coimbra.—Mário Martins Moreira.—Recebemos 95\$00. Pagou a assinatura do corrente mês. Os recibos vão à cobrança todos na mesma ocasião.

Solvay (U. S. A.)—R. Club Português.—Recebemos cheque de 102\$00. Ficou para a assinatura até 31 de Março, p. f.

Tóreas Novas.—F. Brete.—Manda a importância da gravura.

Montemor-o-Novo.—Manuel Abrantes.—Recebemos um vale sem indicação de destino.

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid, cheque	250\$	
Paris, cheque	57,5	
Suíça	257,5	
Bruxelas, cheque	257,4	
New-York	1950,2	
Amsterdão	758,4	
Itália, cheque	385	
Brasil	240	
Fraga	558,5	
Escócia, cheque	524	
Austrália, cheque	2577	
Berlim	4567	

## TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.

São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.

Gimnásio.—A's 21, 30.—A Petisa do Gato.

Trindade.—A's 21, 15.—O Marquez de Villmer.

Politeama.—A's 21.—O Dílio num 5.º an-

Apolo.—A's 20, 30 e 22, 30.—A Mouraria.

Eden.—A's 20, 45 e 22, 45.—Cabaz de Mo-

raugos.

Maria Vitoria.—A's 2, 30 e 22, 30.—Ta-

rija I.

Variedades.—A's 20, 30 e 22, 30.—O Pinto

Calçado.

Joaquim de Almeida.—A's 20, 30 e 22, 30

—Variedades.

Coimbra.—A's 21.—Companhia de circo.

Salão Foz.—A's 15 e 20, 30.—Variedades.

Avenida Parque.—Diversões.

## CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Olimpia.—«Matinées» e «soirées».—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrasse.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condes.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Largo.—Eden Cinema.—Rua do Alval (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer (Variedades).—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

## Pedidos a:

FRANCISCO LATT

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

## Mestrado

Apareceu rapidamente seja qual for a causa tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio a cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

Lede o Suplemento de A BATALHA

## Policlínica da Rua do Ouço

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-

ciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Visas urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10

horas.

Doenças das sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12

horas.

Doenças dos ossos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Urticaria, manz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—

12 horas.

Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—12 horas.

Doenças das membranas—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5

horas.

Ecoleceix.—J. Ramires da Silva.—Recebemos

19\$00. Pagou a assinatura desde 16 de Agosto a 15 de Outubro, p. p. Segue um postal com o seu débito até ontem.

Coimbra.—José Maria dos Santos.—Recebemos 95\$00. Pagou a assinatura do corrente mês.

Coimbra.—Mário Martins Moreira.—Recebemos 95\$00. Pagou a assinatura do corrente mês. Os recibos vão à cobrança todos na mesma ocasião.

Solvay (U. S. A.)—R. Club Português.—Recebemos cheque de 102\$00. Ficou para a assinatura até 31 de Março, p. f.

Tóreas Novas.—F. Brete.—Manda a

importância da gravura.

Montemor-o-Novo.—Manuel Abrantes.—Recebemos um vale sem indicação de destino.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as provéniencias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-B, 2.º

## NAO SOFRAM MAIS!



## — Usem HERPETOL para as

— doenças da pele (—

Unas gotas desse medicamento acalmam o Herpetol e na realidade o primeiro medicamento de que se pode dizer que é eficaz. O Herpetol é a única forma de curar as Eczemas, Manchas, Erupções, Espinhos, Crostas, Ardenças, Pele e Mordeiras de INSECTOS.

Instantes depois da aplicação, o pedacinho com registo permanece de restabelecimento.

A CURA É CERTA. A sua casa, um só frasco é suficiente para uma cura. Se, por exemplo, sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

## ESTE SEGURO IMPÕE-SE A

## TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede — Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-premio, a MUNDIAL põe-vos-há abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malhias para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELE. N. 3691

ALTERAÇÃO DE PACTO

Por escritura de 5—5—1926 a fls. 83 V.º do L.º 1256 do notário Dr. Maia Mendes de Lisboa, a sociedade «Guedes & Freire, Limitada» alterou o seu pacto social pelo seguinte:

1.—A firma passa a ser desde hoje «Figueiredo Ltd.».

2.—Fica transferida para Lisboa a sede social, e o seu principal estabelecimento passa a ser no Calçada do Carmo, 6, 2.º, desta cidade.

3.—Os lucros passam a ser divididos na proporção de 35 % para o sócio Guedes, bem como as perdas até ao limite da responsabilidade legal.

4.—Ambos os sócios são gerentes, com tributação igual, a fixar em assembleias gerais.

5.—Fica estabelecido que as cotas e partilhas de lucros serão futuramente equiparadas pela forma seguinte: — O sócio Guedes cederá ao sócio Figueiredo, pelo valor nominal, 22.000\$00 da sua actual cota. Para esse efeito, salvo acordo expresso em contrário, o sócio Figueiredo não poderá levantar da sociedade os lucros que lhe forem competindo até que elas atinjam 22.000\$00, e, quando atinjam essa importância, será ela transferida na escrita para conta do sócio Guedes, como crédito contra a sociedade, e para pagamento da referida cotação de cota, que o sócio Guedes nesse caso fará imediatamente, para o sócio Figueiredo ficar tendo ao todo 30.000\$00 no capital social e 50 % nos lucros de cada exercício.

6.—As alterações contidas nas preceções cláusulas 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, desta escritura, produzem os seus efeitos desde 1 de abril do corrente ano de 1926.

M. Mendes

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

A UNIÃO

Sede — Rua de S. Bento, n.º 11, 1.º — LISBOA

AVISO

Convoco a reunir a assembleia geral, para a próxima segunda feira, dia 13 do corrente, pelas 20 e meia horas.

ORDEN DOS TRABALHOS

Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1927.

Não reúnindo por falta de número, fica a mesma desde já marcada para o dia 21, à mesma hora e no mesmo local.

Lisboa, 9 de Dezembro de 1926.—O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, —(a) António José Gameiro.

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

GARANTIA PORTUGUESA

Sede — Rua de S. Bento, n.º 11, 1.º — LISBOA

AVISO

Conv

## A constituição do Conselho Confederal

O Comité Confederal, esclarece toda a organização dos intitutos que animaram o C. C. ao aceitar os delegados da U. S. O. de Evora, Federação do Calçado, Couros e Peles e Mineiros de São Domingos, desfazendo a insubstancial argumentação da nota das Federações do Livro e do Jornal, Mobiliária e Metalúrgica

Se não fôr a publicação em *A Batalha*, da nota que as três Federações acima citadas endossaram aos organismos sindicais, saltando sobre as resoluções do C. C. — sendo para extranhar a sua inserção no mesmo órgão — este Comité estava desbragado de elucidar a organização operária, visto que a mesa do referido Conselho, de 22 p. p., já o fez, dum maneira completa, imparcial e de absoluta autenticidade.

Contudo, para que se não especule em volta das citadas resoluções, perante a nota das Federações, que voluntariamente se retiraram do Conselho, este Comité vai de novo fazê-lo, mais profundamente ainda.

É necessário afirmar-se, pelas deduções que se tiram nas acções dos que querem à outrance o cumprimento das resoluções da reunião dos organismos federativos, que não é este o principal motivo de divergência, mas sim quase que outros, que cada organismo terá o cuidado de observar e extrair, depois de ponderar os factos que a seguir vão descrevendo.

Como princípio fixe-se bem isto: *O Conselho Confederal ao aceitar as três delegacias em questão, teve em vista os seguintes pontos: Tolerância; princípios autonomistas da organização; espírito de isenção nos acontecimentos do anterior Conselho; cumprimento do Estatuto Confederal; desejo de conciliação entre toda a organização e roteamento da C. G. T.; esquecendo os factos passados dum forma geral — não tendo em conta uns para olvidar outros como querem as três Federações discordantes — e só assim a Central Operária poderá caminhar.*

### Os argumentos apresentados pelas três Federações

Constata-se no entanto que os mais fraternos defensores da "unidade sindical", desejam essa unidade dentro dum estreito critério e só entre os que lhes possam convir. Não é justo. Da análise à nota das três Federações, resultará inadiável esta verdade. Analisemo-la.

Um dos argumentos adusidos para destruir o apresentado em defesa da autonomia sindical é o do § 2º do Estatuto Confederal, que diz: «Qualquer das Secções ou o Conselho Confederal, quando reconheçam em algum dos seus delegados falta de assiduidade, incompetência, incompatibilidade moral ou tendências para o desvio dos objectivos da Organização demitem-lo-há e participarão no organismo que elle representa o motivo da sua demissão.»

E noutro ponto da nota lê-se: «Continuamos dentro da C. G. T., mas o que não podemos — pelo menos até futura resolução — é continuar a enviar os nossos delegados ao Conselho. Por uma questão de profilaxia social!»

Escalpelissemos:

Incompatibilidade moral dos delegados em questão, para com o actual Conselho, reconheceu este não existir; mas quando assim fôsse, ele formulou esta pergunta que não obteve nem certamente obterá resposta: «Em maior incompatibilidade moral não se encontram os organismos que há mais dum ano se retiraram da C. G. T., e durante este interregno têm atacado a sua orientação, de várias maneiras, pela palavra, na imprensa, etc., observando-se isto até mesmo neste momento?» E contudo o Conselho acha-se na sua disposição de receber esses organismos, quando eles pretendam entrar de novo, esquecendo os factos passados, desde que todos se disponham a engrandecer a organização e terminem esses ataques.

Sob o ponto de vista de prejuízos morais e materiais, quem os terá originado maiores? Aqueles ou estes?

Todas estas questões não serão ainda consequências da posição errada dos organismos que se retiraram e do procedimento que adoptaram?

A organização que considere devidamente.

Os organismos, que agora tanto protestam contra a aceitação dos três delegados, não defenderam no Congresso local, há pouco realizado, o princípio de se convencionarem os organismos que estão fora da C. G. T., a reentrarem nesta? E com esse seu procedimento não olvidaram a conduta dos mesmos, com que não estiveram de acordo, e em público, quantas vezes, contra ela se manifestaram?

Este critério deve então ser exclusivo a esse caso?

Se assim é, não compreendemos o que seja a lógica, a coerência, a imparcialidade e o espírito de conciliação!

«Tendência para o desvio dos objectivos da organização?»

Certamente este é um dos casos mais graves e aos três elementos em referência, não podem ser assacadas tais responsabilidades.

Se há quem possa ser acusado desse propósito, aqueles não o pode ser atribuído e no entanto ainda não vimos nenhum Conselho Confederal demitir quem tenha pretendido fazê-lo, directa ou indirectamente...

Terá isto sido a principal causa de todos os conflitos? Talvez. O futuro, porém, o dirá.

E quanto à questão de «profilaxia social», este conceito melhor se adaptaria a este último caso do que ao que origina a presente nota.

Cada um que meta a mão na consciência, como é hábito dizer-se. Todavia, o § 2º dos Estatutos da C. G. T., aíra citado, diz, no caso em questão, respeito ao actual Conselho e este ainda não encontrou motivo para demitir delegado algum.

Encontrou o anterior? Que importa?

Mas, mesmo assim, se todo o Conselho se envolveu no conflito — porque todos os delegados, e isto é irrefutável — formaram as partes litigantes, não foi profundo paradoxo o Conselho dissolver-se a si mes-

mo? E se foi assim, não houve pois demissão isolada, mas colectiva!

Não teria então sido mais acertado terem suspenso as sessões do Conselho e convidarem os organismos aderentes a pronunciarem-se? Já não se teria chegado a este estado. Mas, adiante. Desfeito éste caso, vamos à restante análise.

### A independência e autonomia dos organismos sindicais

De qualquer maneira que apreciemos a questão, as três Federações que se retiraram, desrespeitaram as resoluções do Conselho Confederal, o que vai de encontro ao princípio por aquelas apregoadas de «respeito e acatamento da resolução tomada por maioria».

Acima da reunião de Federações deve estar o actual Conselho Confederal neste caso o atropelo à autonomia e disciplina sindical parte dessas três Federações, que não querem acatar as suas resoluções.

É exactamente porque «em matéria de sindicalismo, as resoluções tomadas por maioria devem ser respeitadas a bem da disciplina», que as Federações em referência devem acatar as resoluções do Conselho.

E isto é o que precisamente se dá neste caso: O Conselho aprovou por maioria a aceitação dos delegados, devendo a minoria «curvar-se» a essas resoluções.

E este o critério das três Federações. Porque o não põem em prática?

### As votações do actual Conselho

Não seria preciso citar mais factos para demonstrar o critério que presidiu à resolução tomada, mas não queremos passar em silêncio as afirmações colectivas da nota das Federações.

E a organização então que analise se há ou não dualidade de critério, e de que lado.

Na reunião de 12 de Novembro, em que foi aprovada por sete organismos contra seis, a moção da Federação do Livro e do Jornal, e é preciso que se note bem isto: «suspenso apenas a aceitação dos delegados até futura resposta dos respetivos organismos», e estes responderam confirmando o envio dos mesmos delegados — notou-se isto, nos organismos que aprovaram a não aceitação: «um dos delegados da Federação Mobilária pertenceu ao anterior Conselho, assim como o único delegado dos Texteis; um dos delegados da Construção Civil, idem; e agora verifica-se que o único delegado da Federação do Alimentação, que lá estava, não tinha sido eleito em reunião do Conselho Federal.

Estabeleceu-se contudo nesse momento certa confusão no Conselho, esse avlir nem sequer foi apreciado, não podendo, pois, ser o Conselho acusado de parcial, visto que, nem nessa, como na reunião seguinte, o seu autor insistiu na sua apreciação.

Efectivamente o delegado da Federação do Livro e do Jornal, na 1.ª reunião do Conselho e quando os delegados dos Mineiros de Aljustrel e U. S. O. do Pôrto, por espírito de solidariedade se retiraram, além das delegacias completas dos organismos atingidos pela resolução do Conselho, alvitrou oralmente que tal se fizesse.

Estabeleceu-se contudo nesse momento certa confusão no Conselho, esse avlir nem sequer foi apreciado, não podendo, pois, ser o Conselho acusado de parcial, visto que, nem nessa, como na reunião seguinte, o seu autor insistiu na sua apreciação.

A eleição dos corpos directivos da C. G. T.

Quanto à nomeação dos corpos directivos da C. G. T., é mister não confundir os factos, nem estabelecer paralelos injustificados.

Como se compreende então que elementos do anterior Conselho se pronunciasssem também sóbrio o assunto, se eles se haviam dissolvido a si mesmos?...

A questão moral tanto deve ser para uns como para os outros.

Dizem que não se inclinaram a qualquer das partes.

Querem, porém, melhor prova, além que já foi citada aí, do que a sua própria votação no actual Conselho? Eles que responderam ao anterior?...

Há então parcialidade? Sim há, mas onde?

E os restantes organismos observaram estes factos e nada disseram...

Cita-se também o delegado da Federação Rural, dizendo que o seu co-delegado, aceita na reunião de 22, veia anular um voto certo a favor do critério da não aceitação das três delegacias.

Mas o primeiro delegado da Federação Rural, que também pertenceu ao anterior Conselho, na reunião de 12, absteve-se de votar, alegando exactamente esse facto! O mesmo delegado, porém, nas reuniões seguintes, mudou de critério e resolvem votar favoravelmente ao não aceitação.

Este caso, observamos, passa sem reparo na nota das três Federações. E se o mesmo delegado, porém, nas reuniões seguintes, mudou de critério e resolvem votar favoravelmente ao não aceitação?

Como é, então, que tantos delegados do anterior Conselho, pronunciando-se pela não aceitação, não mostraram qualquer inclinação?

Estes casos seriam realmente interessantes, se não redundassem todos em prejuízo da organização.

A solução encontrada pelo Conselho reflecte um grande espírito de isenção

Prova-se em todos os detalhes que o melhor critério foi o seguido pela maioria do Conselho, fazendo apagar dissidências a bem da organização.

O esfacelamento total do pouco que resta da organização não cabe pois ao actual Conselho, mas sim aos que, esquecendo uns determinados factos... procuram, porém, avivar outros de menor imponência.

E então cabe-nos agora perguntar:

Não se quer no Conselho Confederal os delegados que possam trazer ao mesmo «reminiscências dos sucessos passados» na apreciação a fazer ao inquérito a Santos Arraia e Manuel Joaquim de Sousa «para cujo lado tendiam os indivíduos em questão, dando-lhe assim o aspecto de parcialidade» e não importa que lá se encontrem aqueles que no anterior Conselho tiveram critério oposto?

Onde reside, pois, a parcialidade?

Pelo menos atendam neste ponto às boas intenções do Conselho, que não fez exceções senão para com os principais elementos antagónicos do Conselho passado.

Se o Conselho não quisesse respeitar a autonomia dos organismos aderentes, para atender aos desejos da reunião de Federações, teria então que pôr a questão no seu seguinte plano:

A tecla que os delegados das três Federa-

rações que se retiraram do conselho, mais firmaram, foi a de incompatibilidade moral. Pois bem.

Um dos camaradas atingidos é Silva Campos. Este elemento, porém, foi eleito — um congresso! — já depois de terem sido os acontecimentos no anterior Conselho confederal, há pouco mais dum mês, por 15 organismos, e apenas com uma rejeição e uma abstenção, para secretário geral da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa.

Até agora, que nos conste, nenhum organismo protestou contra essa nomeação, e assim, verifica-se a significativa votação do congresso.

A admitir-se a incompatibilidade moral, ela não teve influência alguma num Congresso, conquanto local, e era então o Conselho Confederal que ia contra a vontade dos organismos que naquele se pronunciaram dumha maneira concorrente? E não podem vir argumentar que é a província que não querer. Se há divergências é com os organismos de Lisboa!

Outras observações

Não quere o Conselho Confederal tratar das questões que mais propriamente devem ser consideradas de ataque pessoal, no entanto em defesa da verdade, dirá que o delegado dos Mineiros de São Domingos, na 1.ª reunião do Conselho, apresentou de facto uma declaração do respetivo organismo em que requeria um inquérito à acção do seu delegado, em virtude do mesmo não ter sido aceito no Conselho. Como

é que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que constituem os organismos que se retiraram da C. G. T. e não exista para com a C. S. T. de Lisboa?

Notem, que dentro da mesma Câmara se encontram os sindicatos que